

CAPÍTULO 6

O Futebol entre Brasil e Uruguai: a formação e a pesquisa na periferia do futebol

Fábio Machado Pinto

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Gabriel de Leão Caldart

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ari Lazzarotti Filho

Universidade Federal de Goiás, Brasil

RESUMO

O futebol movimenta o imaginário, desperta o sonho, dialoga com a vontade, atinge o âmago das nossas intenções. Este fato social total, objeto de estudo de inúmeras disciplinas e campos do conhecimento, é um fenômeno que mobiliza aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos em diversos países. Este capítulo procura refletir sobre a pesquisa-formação realizada no âmbito do XIII Intercâmbio do Projeto InterPeriferias do Futebol, realizado em 2024, na cidade de Montevideú. Trata-se de um projeto de intercâmbio esportivo, cultural e artístico, articulador da pesquisa, do ensino e da extensão, que busca

promover relações dialéticas entre a universidade e a comunidade, o científico e o popular, o centro e a periferia. Problematicamos neste texto as dimensões formativas e investigativas, bem como as relações entre pesquisadores e participantes do projeto. Como resultado deste esforço coletivo entre pesquisadores/pesquisados, pudemos observar a promoção de uma diversidade de ações que dialogam com instituições profissionais e amadoras, acadêmico-científicas e comunitárias, de promoção do lazer, da saúde e do rendimento esportivo, e da reflexão crítica sobre o lugar que o futebol ocupa em nossas vidas/sociedades.

Palavras-chave: (auto)biografia, futebol, Brasil e Uruguai, intercâmbios, lazer

ABSTRACT

The Football between Brazil and Uruguay: Education and Research on the Periphery of the Game

Football stirs the imagination, awakens dreams, engages with desire, and touches the core of our intentions. This total social fact, the object of study in numerous disciplines and fields of knowledge, is a phenomenon that mobilizes cultural, social, economic, and political aspects across various countries. This chapter seeks to reflect on aspects of the training-research developed within the framework of the 13th exchange of the InterPeripheries of Football Project, held in 2024 in the city of Montevideo. This is a sports, cultural, and artistic exchange project that promotes and articulates research,

teaching, and outreach activities. It aims to foster dialectical relationships between university and community, scientific and popular knowledge, center and periphery. The chapter discusses how formative and investigative dimensions are configured, as well as the relationships established between researchers and project participants. As a result of this effort – as researchers and researched – we observed the promotion of a wide range of collective actions that engage with professional and amateur institutions, academic-scientific and community spaces; actions that promote leisure, health, athletic performance, and critical reflection on the role football plays in our lives and societies.

Keywords: (auto)biography, football, Brazil and Uruguay, exchanges, leisure

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, tomamos como objeto de estudo e de análise os processos de pesquisa-formação de/com jogadores de futebol amadores, veteranos, nas periferias do futebol profissional, de espetáculo e de alto rendimento. Trata-se de um esforço de investigação que ocorre durante intercâmbios formativos, nos quais interagem pesquisadores e jogadores de futebol veteranos. O presente estudo registra e analisa algumas atividades realizadas durante o XIII Intercâmbio Internacional InterPeriferias do Futebol¹, projeto que se dedica à for-

1 Projeto InterPeriferias do Futebol tem três núcleos: Florianópolis/SC-Brasil, Pelotas/RS-Brasil, Maldonado-Uruguai. Trata-se de um projeto de pesquisa vinculado ao INCT/CNPq Estudos do Futebol Brasileiro, coordenado pela

mação esportiva, cultural e artística. O evento foi realizado em Montevideu, no mês de outubro de 2024, articulado ao I Colóquio Internacional, promovido pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol).

O futebol, seja no Brasil ou no Uruguai, é considerado um dos principais vetores da formação da identidade nacional e mobiliza aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos da sociedade, mercado e governo de ambos os países (Guterman 2009, Helal 2003, Laub 2006). É um esporte que movimenta o imaginário, desperta o sonho, dialoga com a vontade, atinge o âmago das nossas intenções. Por isso, é considerado um fato social total², objeto de estudo de inúmeras disciplinas e campos do conhecimento, fenômeno que mobiliza aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos em

Dra. Carmen Silvia de Moraes Rial. O projeto de pesquisa a que este capítulo se vincula mantém relação com os programas de Pós-Graduação em Educação (CED/Ufsc) e o Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPICH/Ufsc) e pretende contribuir para a consolidação de uma rede internacional de pesquisadores sobre o futebol no campo das ciências humanas e sociais por meio de ações coordenadas pelo Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia — Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol), aprovado na Chamada Pública CNPq nº 58/2022, especialmente, da linha 4 – Futebol comunitário e de várzea, coordenado pelos colegas Luiz Carlos Rigo (UFPEL) e Mauro Myskiw (UFRGS).

- 2 Esta expressão foi cunhada pelo antropólogo francês Marcel Mauss (1936 – 1974). No Brasil, Cornelsen, Brinati, Guimarães (2020) fazem menção a ela referindo-se ao futebol e à sua importância na sociedade brasileira. O livro oferece ensaios críticos e de abordagem literária, representações e olhares diversos sobre o futebol, entre outras narrativas.

diversos países. Brasil e Uruguai protagonizam uma das relações mais intensas com esse esporte, com particularidades e (des)encontros que impactam a formação social e a identidade cultural de cada um dos dois países.³

Neste capítulo, refletimos sobre o potencial coletivo no âmbito da pesquisa e formação de jogadores amadores, mediados por uma experiência de jogos e evento acadêmico-científico, articulando elementos da (auto)biografia de como o futebol nos formou e o que fizemos com esse esporte em nossas vidas de pesquisadores e praticantes. Adultos que, desde criança, sonham e projetam se tornarem jogadores de futebol, mas que, agora, como adultos e veteranos,

3 As relações futebolísticas entre Brasil e Uruguai, seleções apelidadas carinhosamente de Canarinha e La Celeste em referência às cores de suas camisas, remontam à origem deste esporte nos dois países. É notável que em ambos os países o esporte bretão tornou-se paixão nacional e marca da identidade cultural, isso que está na base de uma das maiores rivalidades no meio futebolístico. Entre Brasil e Uruguai existe uma tradição de enfrentamento em jogos que remetem aos grandes confrontos e marcas que os mesmos deixaram nos dois selecionados nacionais e nos respectivos países. O primeiro confronto entre os dois selecionados nacionais data de 12 de julho de 1916, confronto vencido pelo Uruguai por 2 a 1. É extensa e conhecida a produção bibliográfica e em vídeo/cinema sobre a Copa de 1950 no Brasil. Filmes como *Maracanã* (2014), de Andrés Varela e Sebastian Bednarik; o curta-metragem *Barbosa* (1988), de Ana Luiza Azevedo e Jorge Furta-do, entre outros. Livros como os de Couto (2019), Muylaert (2018), Brinati (2016), Mariano (2015), Garrido (2014), Neto (2013), Heizer (2010), Perdigão (2000). Um dos importantes registros que marca a histórica rivalidade entre Uruguai e Brasil é, sem dúvida, a obra de Mario Filho (1943), *Copa Rio Branco: a biografia de uma vitória*, 32, com prefácio de José Lins do Rego.

atualizam o sonho por meio de práticas de lazer supostamente descompromissadas. O que permanece do sonho ou projeto de ser jogador? Como permanecem ou se manifestam dentro e fora das arenas, onde nos encontramos semanalmente para atualizar não apenas o nosso gosto, mas também nossos ressentimentos e frustrações, desejos não realizados que entram em campo e, a cada jogada, passe, drible, finalização e, mesmo, na “resenha” pós-jogo, se materializam das mais distintas formas? Afinal, qual o sentido destas experiências esportivas carregadas de narrativas de sociabilidade, de relações de amizade, de aprendizado permanente, de saúde e de performance? Esta pesquisa aproxima pesquisadores e pesquisados, promove os pesquisados a pesquisadores, assim como pesquisadores também se tornam pesquisados, numa perspectiva dialética entre a pesquisa e a formação, entre subjetividade e objetividade, entre o científico e o senso comum.

Ao tomar como objeto a periferia do futebol (várzea, amador, comunitário, colonial ou periférico, entre outros), observamos também o tecido das relações humanas que, nesses tempos e espaços, produzem inúmeras possibilidades de diálogo e intervenção, buscando “[...] conhecer o homem/mulher e compreender os fenômenos humanos desde as situações concretas e relacionais, indo do sujeito à sua época e da época ao sujeito – o que constitui o método biográfico sartriano.” (Pinto et al. 2022: 10^o). São múltiplas relações entre os sujeitos e a estrutura, demarcadas pela temporalidade, que analisa o presente como resultado de um movimento passado, mas que, assim como se materializa no presente, se projeta para um futuro, devir,

destino projetado. O futuro é o componente desta temporalidade que age como motor do tempo presente, puxando sujeito e grupos, pois é, simultaneamente, aquilo que fizeram de nós e aquilo que fazemos com o que fizeram de nós. Futuro é a expressão máxima da dialética sujeito e estrutura, algo que ainda não é, mas que se coloca como potência de ser, dos grupos, da sociedade.

[...] Não há interpretação a priori que defina uma existência, ela resulta das ações humanas e de sua imensa responsabilidade diante da sua própria vida e dos seus contemporâneos. O biográfico sartreano nos dá elementos para não cair no jogo da guerra de narrativas, em fazer concessões ao senso comum. A história social e de cada sujeito estão imbricadas, são passíveis de compreensão e conhecimento, ainda que a arte nos ajude a levar esse conhecimento cada vez mais longe, permitindo que a ficção expanda nossas possibilidades. Mas a soberania da vida concreta, dos sujeitos homens e mulheres, em si mesmo, é objeto do que podemos denominar de uma arte processual permanente, sempre em vias de se reinventar (Pinto et al. 2020: 90-91).

A pesquisa-formação é uma das abordagens da pesquisa (auto) biográfica (Abrahão 2016), ferramenta que nos permite o estudo sobre as narrativas articuladas a uma etnografia das sociedades complexas (Velho 2002, 2003, 2004), dos processos relacionais entre pesquisadores e participantes do projeto, neste ambiente interativo, colaborativo, social, esportivo, pedagógico e acadêmico-científico.

De 2012 a 2024, o Projeto InterPeriferias do Futebol passou a constar do calendário de atividades de extensão e de pesquisa de quatro importantes universidades federais, três do Brasil e uma do Uruguai. Criado por jogadores de comunidades de periferia do sul da Ilha de Santa Catarina, institucionalizou-se como atividade de extensão e de pesquisa por iniciativa dos professores de Educação Física, Educação e Serviço Social da UFSC, com o objetivo de promover o intercâmbio de jogadores de futebol amador de Florianópolis com comunidades da periferia de diversas cidades do Brasil e do exterior. De 2012 a 2018, ocorreram os primeiros intercâmbios nas cidades de Pierrefitte (França, 2012), Santarém (Portugal, 2013), Florianópolis (Brasil, 2014), Rivera (Uruguai, 2014), Florença e Bari (Itália, 2015), Brasília (Brasil, 2016), Frankfurt e Karlsruhe (Alemanha, 2017), Pierrefitte (França, 2017) e Montevideu (Uruguai, 2018). Na fase inicial, o projeto esteve vinculado apenas à UFSC e tinha como meta os intercâmbios realizados uma vez ao ano, entendidos como possibilidade de turismo esportivo (Carvalho e Lourenço 2009) para trabalhadores, promovendo laços entre clubes e atletas veteranos, aprendizado básico de língua e de cultura desses diferentes países e cidades, numa perspectiva de lazer vinculado à formação do trabalhador por meio da prática do futebol comunitário e da socialização de saberes e conhecimentos das comunidades de periferia. Desde sua origem, o InterPeriferias voltou-se, sobretudo, para as classes populares, ou seja, para a cultura

local de trabalhadores, que têm no lazer esportivo futebolístico uma forma privilegiada de lazer (Pinto, Lara e Bassani 2019).

O intercâmbio de 2018 marcou uma nova etapa para o projeto, em evento realizado no Uruguai, relatado por Pinto, Lara e Bassani (2019) como uma atividade organizada por professores da UFSC e da Udelar, que mobilizou ações esportivas e culturais, científico-acadêmicas e interdisciplinares, além de uma forte relação entre universidade e comunidades. A articulação do turismo, história, cultura e lazer esportivo em uma viagem internacional possibilitou a confraternização com atletas, moradores das comunidades e universitários. Entre as atividades desenvolvidas, foram apresentados trabalhos sobre sustentabilidade, agroecologia e exposição de obras artísticas dos atletas, que tiveram como tema o futebol e as cidades. Este conjunto de atividades reveste o projeto de uma nova perspectiva, a de aproximar a universidade das comunidades periféricas e da realidade social, complexa e contraditória.

O futebol oferece-nos um importante meio ou dispositivo pelo qual podemos melhor compreender, não apenas as comunidades e a sociedade, mas, também, o agir coletivo que intenciona mudanças e transformações. Concordamos com Wisnik (2008), para quem o futebol é um campo de aprendizado total, “[...] suportando a consciência daquilo que ele tem de alienante e manipulado em nome daquilo que tem de autêntico, memorável, apaixonante e inesperado – em outros termos, bem seus, naquilo que ele tem de popular e real.” (Wisnik 2008: 15). Isso expressa uma relação contraditória “[...] espécie de mais-valia às avessas, que tira seu lucro da falta.” (Wisnik 2008:

230). Esse futebol poético, jogado na periferia do alto rendimento e de espetáculo, e, portanto, imbricado ao centro, surge da criatividade, da improvisação, e que Pasolini (1999), encantado pela geração de jogadores como Pelé, Jairzinho, Tostão, Rivelino, Gerson e Clodoaldo, classificou como futebol-arte.

Após 2018, o Projeto InterPeriferias lança-se a novos desafios buscando se consolidar como um projeto acadêmico de pesquisa e de extensão, ao mesmo tempo que busca ampliar a rede de intercâmbio com camaradas espanhóis e portugueses, em evento que programamos para ser realizado nos primeiros meses de 2020. Contudo, a pandemia Covid-19 mudou, radicalmente, os planos não apenas para nosso projeto, como também para a vida das mais diferentes sociedades, comunidades, grupos, famílias, em todos os cantos do planeta. A pandemia gerou uma crise generalizada em todas as esferas da sociedade, sanitária, política, econômica, sociocultural, em praticamente todos os continentes. No entanto, surgiram novas possibilidades e perspectivas para a vida social e, eis que, em 2022, o projeto renasce em Pelotas/RS, na ESEF/UFPel, ampliando e consolidando a relação com a Udelar/Uruguaí, mantendo as atividades na UFSC, em Florianópolis/SC. Neste mesmo ano, depois de promover um intercâmbio entre projetos de Pelotas e de Florianópolis, realizamos o Intercâmbio em Maldonado (Pinto, Piriz e Benítez 2024) e, no ano de 2025, é criado um projeto na Universidade Federal de Goiás, no Centro Oeste do Brasil.

O Projeto InterPeriferias ressurgiu internacionalizado e com uma perspectiva dialética entre universidade e comunidade. Buscando aproximar e provocar trocas entre o científico e o senso

comum, entre a cultura erudita ou científica e a popular, o projeto integra seus pesquisadores com os agentes comunitários em atividades esportivas, artísticas e culturais, em que a arte de Carlos Páez Vilaró, por exemplo, é visitada e apreciada na mesma medida em que mergulhamos nas entranhas do município de San Carlos, periferia de Maldonado, para um festival de murga: “*Los Fantasmas se divierten*” (manifestação cultural popular uruguaia)⁴. Os jogos amistosos ocorreram no estádio Domingo Burgueño Miguel, que recebe jogos da Libertadores, mas também em campos de futebol amador da periferia, proporcionando aos jogadores uma experiência inusitada de vestiário, de campo e de sala de imprensa, a qual a maioria só teve acesso pelos meios de comunicação. Provocamos atravessamentos que, além de mobilizarem o sensível, a afetividade, contribuem para que a formação esportiva e cultural se torne mais significativa, provocando rupturas e/ou afirmações dos sentidos das experiências futebolísticas destes jogadores amadores veteranos.

Entre 2022 e 2023, realizamos diversas atividades acadêmicas, culturais e esportivas no Brasil, Uruguai, Portugal e França, que fortaleceram os vínculos institucionais, especialmente, pelo surgimento, em 2023, do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia — Estudos do Futebol Brasileiro. Com o apoio do INCT Futebol, realizamos

4 Inspirados em Machado e Pereyra (2021), em primoroso artigo sobre as relações entre a Murga e o Futebol, realizamos esta incursão na cultura uruguaia, que contou com inúmeras atrações e uma noite de convívio entre os participantes do projeto e a comunidade de San Carlo. Disponível em: <https://www.instagram.com/losfantasmasedivierten/>

encontros preparativos para os colóquios internacionais em 2024 em Montevideu/Uruguai e Paris/França, bem como para o lançamento do livro *InterPeriferias do Futebol: O que o futebol nos ensina sobre o viver em sociedade?* (Pinto, Lara e Vaz 2024), com textos de nossos colegas uruguaios Liber Benítez, Rodrigo Piriz e Diego Alsina. Nesta obra, sintetizamos todo o esforço de pesquisa e extensão que iniciamos em 2012, com um primeiro intercâmbio na França, numa comunidade da periferia de Paris. Os colóquios internacionais mobilizam a rede internacional de pesquisadores na área de ciências humanas e sociais, promovendo eventos, pesquisas e publicações. Estes eventos articulados proporcionam um programa de formação, lazer e socialização entre atletas amadores, moradores das comunidades e acadêmicos universitários do Brasil e do exterior, de diferentes áreas do conhecimento, especialmente, da Educação Física, Artes, Sociologia, entre outras.

Em 2024, às vésperas do intercâmbio de Montevideu, realizamos, em Florianópolis, entre os dias 3 e 5 de agosto, o XII Intercâmbio Internacional InterPeriferias do Futebol. Este intercâmbio proporcionou uma atividade no Centro de Formação e Treinamentos do Figueirense F.C e um jogo entre o Santa Cruz F.C e o InterPeriferias Pelotas/RS. Também participamos, integralmente, do I Encontro INCT Futebol: Produções e epistemologias futebolísticas. Vale, também, destacar a atividade realizada pelos jogadores veteranos e amadores no Centro de Formação e Treinamento do Clube Figueirense, no dia 3 de agosto. Nossa delegação foi recepcionada pela equipe técnica do clube, coordenada pelo Dr. Lucas Barreto Klein.

Os atletas do InterPeriferias foram apresentados à equipe técnica e tiveram uma introdução ao trabalho realizado no CFT. Depois, circulamos pela sala de fisioterapia, campos e vestiário, onde nos preparamos para o treino. Na sala de fisioterapia, fomos informados sobre o tipo de trabalho realizado e nos foram apresentados alguns jogadores da base em recuperação. Do vestiário, seguimos para o campo suplementar, onde o preparador físico procedeu uma atividade de aquecimento com mobilidade. Na sequência, o coordenador de performance realizou exercícios de domínio dirigido, passe e deslocamento. No campo, realizamos um minijogo entre três equipes, trabalhando passe e marcação em campo reduzido. Na sequência, tivemos dois tempos de coletivo com saída de bola em dois toques e ataque livre. A sessão de treinamento proporcionou aos atletas veteranos de clubes amadores uma experiência formativa em instalações profissionais, com equipe técnica e científica profissional.

A segunda atividade, com a equipe amadora do Santa Cruz F. C., foi realizada no dia seguinte, na sede do clube, e consistiu em um jogo, bem como em um almoço de confraternização seguido de roda de samba. A parceria com o Santa Cruz F. C. é antiga. Foi neste clube que, em 2012, nasceu o Projeto InterPeriferias do Futebol, primeiro como uma atividade clubística de amigos, que organizaram o primeiro intercâmbio em Pierrefitte, na França, na sequência transformando-se em um projeto de extensão do Centro de Educação da UFSC. Em 2012, o projeto contava com a coordenação de Fábio Pinto (Ed. Física), Volnei Pereira (sociólogo) e Gildo Ledra (Ed. Física) na realização de um evento na França com uma delegação de

26 atletas veteranos. Estas atividades consistem em processos que denominamos de pesquisa-formação, pois ao mesmo tempo que oportunizamos aos participantes atividades teórico-práticas de formação esportiva e cultural, também, aproveitamos para realizar uma etnografia com caderno de campo e entrevistas, que constituem um amplo arquivo que é objeto de estudo e pesquisa para TCCs, mestrados, doutorados e pós-doutorados.

INTERPERIFERIAS DO FUTEBOL 2024, MONTEVIDÉU: O ESTUDO DO JOGO E O JOGO DO ESTUDO

A experiência de Montevideu, de 2024, nos dias 12 a 14 de outubro de 2024, articulou o XIV Intercâmbio Internacional InterPeriferias do Futebol juntamente com o *I Coloquio Internacional: Ciencias Sociales Y Fútbol – Intercambio Y Perspectivas Sudamericanas*, organizado pelo INCT Futebol com participação de inúmeras entidades do Brasil e do Uruguai, tendo o Projeto InterPeriferias da ESEF/UFPEL, ISEF/Udelar, CCE/UFSC como parte deste trabalho. O evento teve como objetivo promover o intercâmbio de estudos, pesquisas, abordagens e experiências de pesquisa e extensão universitária no campo das ciências sociais sobre futebol na América do Sul e na Europa.

Durante quatro dias, promovemos atividades relacionadas ao futebol, no Estádio Centenário e Museu do Futebol, na ISEF/Udelar e no Estádio Martínez Monegal, em Canelones, no qual jogamos com uma equipe formada pela Liga Master de Canelones, além de um agregado de jogadores, formado por estudantes e professores

da ISEF/Udelar. A comunicação de estudos e de pesquisas, assim como o debate entre perspectivas de investigação interdisciplinares, envolveu grupos de pesquisa e toda uma rede de pesquisadores do futebol do Uruguai, Brasil, Argentina, Colômbia, França, Portugal e Holanda, entre outros países que participavam de cada atividade, em ambientes diversos. Durante quatro dias, realizamos duas conferências, quatro mesas-redondas, visitação ao Estádio Centenário e ao Museu do Futebol, lançamento de três livros sobre futebol, atividades esportivas e culturais no Estádio Martínez Monegal em Canelones, pelo Projeto InterPeriferias do Futebol, além da oportunidade de assistir ao jogo entre Uruguai e Equador pelas eliminatórias da Copa do Mundo. Foram inúmeras as “resenhas” compartilhadas com camaradas jogadores, participantes do projeto, pesquisadores, estudantes, entre outros. Fomos envolvidos por uma atmosfera futebolística uruguaia que enriqueceu nosso repertório, ampliou nossa visão do jogo e da pesquisa sobre o futebol, promoveu a integração e a aproximação de pesquisadores com outros praticantes e interessados no esporte mais popular do mundo.

No dia 12 de outubro, depois de uma longa viagem entre Pelotas/RS e Montevidéu/Uruguai, nossa delegação chegou no Estádio Centenário para uma visitação que incluiu, também, o museu do estádio, este que foi palco da primeira Copa do Mundo de Futebol e sede oficial dos jogos da Seleção Uruguaia. Estudantes, professores, jogadores participantes do projeto e seus familiares foram recepcionados por historiadores e antropólogos que os guiaram durante duas horas pelo estádio e pelo museu e, na sequência, no auditório do

museu, realizaram uma mesa-redonda de abertura. Os historiadores Arnaldo Gomensoro e Gastón Laborido fizeram uma exposição sobre como o futebol chegou no Uruguai, na segunda metade do século XIX, por meio das coletividades de comerciantes ingleses que introduziram e mantiveram a sua prática até esse ser popularizado no território nacional. Assim como no Brasil, o futebol tornou-se um fenômeno de grande relevância para a sociedade uruguaia, articulando-se a outras esferas da vida cotidiana.⁵

Depois de um almoço coletivo no ISEF/Udelar, tivemos duas mesas-redondas que trataram dos temas *Estudios sobre el fútbol comunitario y periférico en Sudamérica*, coordenada pelo colega Rodrigo Piriz (Udelar/Uruguai), com exposições de Luiz Carlos Rigo (UFPel/Brasil), Liber Benítez (Udelar/Uruguai) e Verónica Moreira (Uba/Argentina), e *Actos subversivos: enfrentamientos en el campo de fútbol*, coordenada por Luciano Jahnekca (Udelar/Uruguai), com exposições de Afonsinho (Brasil), representado por Alvaro do Cabo (UERJ/Brasil), e do colega Igor Martinache (U. Nanterre/França).⁶ O fechamento das atividades acadêmicas ocorreu à noite, com uma caminhada pelo centro da capital uruguaia, onde tivemos uma agenda cultural, mobilizando a sociabilidade dos gru-

5 Esta apresentação sobre a história do futebol uruguaio, suas principais etapas e sucessos significativos, também, analisou e refletiu sobre a importância desse esporte ser estudado, especialmente, pelos historiadores. Neste volume, os autores tratam deste tema logo em nosso primeiro capítulo.

6 Todos os membros citados acima também compõem este volume com seus respectivos textos, os quais resultam de suas conferências no referido colóquio.

pos de pesquisadores, extensionistas e participantes, momento de confraternização e resenhas diversas sobre o futebol.

A atividade principal do InterPeriferias foi realizada no domingo, 13 de outubro, com uma agenda cultural e esportiva no Estádio Martínez Monegal, onde realizamos um jogo entre as equipes do InterPeriferias do Futebol VT50 com o Master da Liga de Canelones, e outra, entre o InterPeriferias de Futebol VT40 e um combinado do Projeto Uruguay Celeste Deporte y Diversidad (UCDD). Os jogos ocorreram no estádio com utilização dos vestiários, tribunas e grama-do principal. No pós-jogo, utilizamos o bar e refeitório do estádio para um lanche coletivo, oferecido pelos anfitriões, e aproveitamos, na sequência, para lançar três livros sobre futebol, num evento que contou com a presença de Igor Martinache (U. Nanterre/França), Ari Lazzarotti Filho (UFG/Brasil), Leonardo Costa da Cunha (IFSUL/Pelotas/Brasil), Alvaro do Cabo (UERJ/RJ/Brasil), Fábio Machado Pinto (UFPel/Brasil) e Liber Benítez (ISEF/Udelar). Nas apresentações, foram discutidos aspectos das obras lançadas, que refletiram sobre o futebol profissional e o amador no Uruguai, no Brasil e na França.

Após o evento, a comissão participou de uma visita no entorno do estádio, na periferia de Canelones, onde conhecemos a adega familiar Moizo, de origem italiana, imigrados em 1856 de seu povoado Montechiaro D'Aqui, Piemonte, Itália, para a zona de Juanicó, Canelones. A quinta geração destes imigrantes mantém a tradição familiar de produção de uvas e vinhos de alta qualidade. A bodega familiar artesanal foi fundada em 1954, hoje, mantida pela família de enólogos Sonia e Omar e seus três filhos: Fiorella, Antonella e Lucas. Conhecer aspectos

sociais, econômicos e culturais dos países e cidades onde jogamos é uma das nossas prioridades no projeto InterPeriferias. Nos relatos dos participantes, ficou registrada a importância deste momento de convivência, sociabilidade e formação sobre a produção local.

Nos dias seguintes, nossa agenda contemplou atividades acadêmicas na ISEF/Udelar, com a conferência de abertura do antropólogo Niko Besnier (Melborne/Austrália), duas mesas que trataram dos temas *¿Cómo estudiar temas de genero en el Fútbol?*, com Caroline Soares de Almeida (UFPE/Brasil), Martina Pastorino (Udelar/Uruguai) e Pia Echenique (Udelar/Uruguai) e comentários da antropóloga Susana Rostagnol (Udelar/Uruguai), e outro tema *Estudios en Ciencias Sociales sobre el fútbol en Brasil, Uruguay y Portugal*, com contribuições de Alexandre Fernandez Vaz (UFSC/Brasil), Diego Alsina (Udelar/Uruguai) e Francisco Pinheiro (U. Coimbra/Portugal), mediados por Fabio Machado Pinto (UFPel/Brasil). A conferência de encerramento do I Colóquio Internacional INCT Futebol foi proferida pela coordenadora do instituto, a professora Carmen Rial, que apresentou um panorama acerca dos principais estudos acadêmicos do futebol na América do Sul e mostrou suas pesquisas sobre jogadores profissionais no exterior.

Os participantes do InterPeriferias, pesquisadores, estudantes e professores, realizaram no dia 15 de outubro um *recorrido* pela cidade para conhecer a vida na capital uruguaia. Reunimo-nos no ISEF/Udelar e, à noite, assistimos a um espetáculo futebolístico dos mais interessantes, entre os selecionados de Uruguai e Equador, que se enfrentaram no Estádio Centenário pela eliminatória da Copa do

Mundo de Futebol 2026. Após o evento, que terminou empatado em 0 a 0, todos se encontraram no ônibus para retornar a Pelotas ou às suas respectivas cidades.

PESQUISA-FORMAÇÃO COMO NUM JOGO: “O CIENTISTA SOCIAL PRECISA IR AONDE O POVO ESTÁ”

O projeto unificado InterPeriferias promove o estudo, esta possibilidade de investigar, produzir dados, ou seja, pesquisar os processos formativos inerentes ao futebol de periferia, dos jovens aos veteranos, ao mesmo tempo em que proporciona a formação humana, numa perspectiva crítica, colaborativa, emancipadora e transformadora da realidade social. Configura-se numa pedagogia universitária/comunitária destinada aos amadores e adeptos do futebol, estes que se encontram na sua periferia, mais ou menos articuladas as matrizes futebolísticas que, Arlei Damo (2005) tratou de distinguir como bricolada, espetacularizada, comunitária e escolar.

O conjunto de atividades mencionado nos eventos anteriores, especialmente em Montevideu 2024, evidencia um conjunto de experiências formativas, teórico-práticas, que mobilizam a educação dos sentidos dos participantes, uma certa educação estética e imersiva na cultura local, no caso a cultura popular uruguaia. Cultura que tem no futebol uma forte identidade. Ao conhecer e viver situações cotidianas da prática futebolística uruguaia, os jogadores brasileiros, sejam eles estudantes ou professores pesquisadores, ou ainda agentes comunitários que participam do projeto, são imersos numa

atmosfera cultural desde o lendário Estádio Centenário, à importante Universidade Uruguaia (Udelar), ao histórico Estádio Monegal, num contexto de aprendizado, vivência do jogo e da confraternização, do aprendizado da história e da cultura, seja por meio acadêmico ou ainda pela visita a adegas tradicionais do interior do país, seja com a contemplação do espetáculo de um jogo de eliminatória da Copa do Mundo Fifa de Futebol, tendo como protagonistas dois selecionados latino-americanos, Uruguai e Equador.

A experiência acadêmica é para muitos participantes, agentes comunitários, um momento difícil e que exige uma certa disposição para escutar, por horas, exposições acadêmicas que utilizam uma linguagem e uma estética pouco comum em seu cotidiano. No entanto, observamos a participação ativa de muitos jogadores, permanecendo no local, atentos a cada fala, formulando perguntas, comentando aspectos das falas que lhes chamaram atenção. Como num pós-jogo, surgem curiosidades, críticas, uma certa “resenha” do que se passou no auditório. Surgem também comentários depreciativos, de quem entendeu e não gostou ou de quem sequer entendeu o que se passou ali. Também, percebemos que alguns desapareceram durante a atividade acadêmica, optaram por conhecer a cidade ou ter algum outro tipo de convívio com outros membros do grupo. Isso também é uma forma de resistência das classes populares para com aquilo que não consideram importante ou, ainda, que consideram desprezível. Parte desta dificuldade em construir pontes entre os universitários/acadêmicos com as comunidades e seus agentes é também responsabilidade dos primeiros, que pouco ou nada se preocupam em refletir

e propor ações que busquem adequar a comunicação e o respectivo conteúdo a processos formativos e interativos, como este que o InterPeriferias costuma cultivar. Contudo, a cada novo intercâmbio e à medida que vamos proporcionando novas experiências de formação que fomentam a socialização e o debate de pesquisas e estudos sobre futebol, promovendo a inclusão de não pesquisadores, participantes do projeto, vamos aprendendo e construindo formas de aproximar e trocas que enriquecem a ambos. Esta é uma dialética na relação teoria e prática pedagógica que interessa ao Projeto InterPeriferias, pois considera que “o cientista precisa ir aonde o povo está”. E saber dialogar com o povo é uma condição de possibilidade para a pesquisa etnográfica.

Além de trazer o nosso “objeto” de estudo para o nosso campo (acadêmico), também, se faz desafiador entrar em campo como “objeto”. Quando tratamos aqui de objeto não estamos evidentemente reificando os sujeitos estudados. Nosso objeto não são os sujeitos, mas os processos e lógicas sobre os quais nossos estudos se debruçam. Assim, o projeto InterPeriferias é ávido em criar estratégias para adentrar o campo, corpo/consciência na relação com o mundo, ou seja, a realidade social (subjetiva/objetiva), para estudá-lo por dentro e por fora, buscando compreender suas dinâmicas num contexto sócio-histórico. Os estudos etnográficos de Wacquant (2000) sobre o boxe e de Raseria (2016) sobre o trabalho do jogador de futebol nos inspiram, pois ambos buscam a convivência e as estratégias para construir a confiança, participar do cotidiano e produzir um conhecimento, também, da perspectiva do nativo do campo.

É neste contexto que a experiência de jogar num estádio profissional é, para muitos participantes de nossos projetos, inclusive para os próprios pesquisadores, um sonho realizado, a realização de um desejo projetado desde a infância. Trata-se de um momento de fruição, contemplação, que atravessa o sujeito por inteiro, portanto, formativo. Trata-se de uma experiência de viver a atmosfera do jogo e de tudo o que ocorre em seu entorno, como a preleção, o aquecimento, a entrada em campo, o cumprimento ao adversário e à torcida, a fotografia, a entrevista, as substituições, as relações com arbitragem, colegas de jogo, o jogo, seu término, o vestiário, a “resenha”. Esta artimanha da pesquisa vem sendo fomentada com frequência pelo InterPeriferias. Nos primeiros intercâmbios do InterPeriferias, a centralidade dos processos estava em cultivar a sociabilidade e o jogo. Assim, jogamos em estádios de periferia na França, Alemanha, Itália, Portugal, Uruguai, sem vínculo com o profissional, de alto rendimento e de espetáculo. No entanto, as visitas aos museus e aos estádios (Stade de France, Centenário, Fiorentina, Benfica), assim como a vida cultural das cidades, faziam parte das atividades fomentadas. Com a virada do projeto no pós-pandemia, além de fomentar atividades científico-acadêmicas com mais adensamento, também nos aproximamos dos clubes e das ligas profissionais, criando possibilidades de vivência no estádio e na infraestrutura profissional, como realizamos em Florianópolis com o Figueirense, em Maldonado no Domingo Burgeño e em Canelones e Montevidéu no Monegal e no Centenário. Aos poucos, vão surgindo possibilidades de estreitar a relação do amador com o profissional ao provocar experiências de

aproximação e reciprocidade entre o centro (futebol de alto rendimento e de espetáculo) e a periferia (futebol amador, periférico, de várzea, colonial etc.).

Nas cidades onde o InterPeriferias realiza atividades e mantém projetos institucionalizados como Floripa, Pelotas e Montevideu/Maldonado, esta relação tem se mostrado profícua. Até porque o futebol da periferia tem se mostrado o lazer, por excelência, das classes populares. Enquanto as elites migram para atividades ou esportes de lazer com características individuais, como a caminhada, a musculação, a corrida, o ciclismo, as lutas etc., as classes populares preservam o gosto pelo esporte coletivo, tendo o futebol como uma das principais, senão a mais importante, atividades social, esportiva e cultural das periferias das cidades e de cidades do interior. O futebol, além de se manter como um dos esportes mais praticados no Brasil, é também um dos mais acompanhados pelas mídias.⁷

Ainda que o futebol de espetáculo transforme a relação entre pessoas numa relação entre coisas (Matias 2020), “por sorte ainda aparece nos campos [...] algum atrevido que sai do roteiro e comete o disparate de driblar o time adversário inteirinho, além do juiz e do público das arquibancadas, pelo puro prazer do corpo que se lança na proibida aventura da liberdade” (Galeano 2019: 10). Uma elipse, “[...] procedimento poético ao mesmo tempo geral e específico que marca como traço a singularidade do futebol brasileiro [...]” (Wisnik 2008: 309). Essa “[...]”

7 Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2024/05/14/pesquisa-volei-e-f1-sao-esportes-mais-acompanhados-no-brasil-apos-futebol.htm> Acessado em: 20/06/2025.

supressão de algum elo na linearidade discursiva [...]” (Wisnik 2008: 314) e que no futebol se expressa no drible. O inesperado, “[...] a junção improvável da eficácia com gratuidade, do utensílio com o inutensílio” (Wisnik 2008: 313), uma “[...] promessa de movimento *que não se dá se dando e se dá não se dando*, alusão a gestos que se insinuam e se omitem em fração de segundos, de modo a aproveitar a perturbação da expectativa provocada.” (Wisnik 2008: 311).

O futebol nos proporciona este potencial, capacidade de reunir tantas contradições, de espelhar a sociedade ao mesmo tempo que é, ele próprio, um dos importantes protagonistas de tudo que ocorre desde suas entranhas, do Brasil e do Uruguai profundos. Assim, faz todo o sentido acompanharmos de perto, por dentro, participar de atividades sociais e esportivas, como treinador, jogador, torcedor, em jogos amistosos, campeonatos amadores de várzea, praianos ou coloniais, no ganha e perde de cada partida, na resenha pós-jogo, escutando, registrando, entrevistando, acumulando dados e experiências de campo. Isso nos permite refletir e confrontar pesquisas em nossas revisões de literatura, debates acadêmicos, seminários e cursos em que podemos socializar e discutir nossos estudos. Neste ponto, o INCT Futebol tem nos proporcionado ampliar horizontes de pesquisa ao promover eventos e atividades formativas que reúnem um número cada vez maior de pesquisadores, no Brasil e no exterior, de diversas áreas científicas.

O estudo do jogo é, também, o jogo do estudo, e não que em nossas práticas não exista competição, mas em outros termos, buscamos, também, subverter, profanar o jogo por dentro, para

provocar-lhes rupturas: não se trata de pensar o ritmo próprio, individual, egocêntrico, mas de encontrar o ritmo do grupo, onde o colega consegue enxergar a beleza poética de um lance plástico do suposto “adversário”, pois o futebol ensina que “[...] o adversário de agora pode ser o parceiro do jogo seguinte. Constitui-se nisso uma cultura de competição, que a civiliza e lhe dá uma forma reconhecível” (Wisnik 2008: 59).

Afinal, “[...] jogamos não somente contra os outros, mas acima de tudo contra nós mesmos. Ou melhor: contra as representações e as imagens que fazemos dos outros [...]” (DaMatta 2006: 44). Esse simulacro de alto rendimento que coaduna a uma cobrança excessiva sobre a vida, sobre o lazer, sobre a amizade, sobre as trocas, é uma porta de entrada para entendermos o mundo. O tempo improdutivo da diversão tratado como inegociável, os valores atribuídos arbitrariamente a partir de ideais de superação contínuos, como se essa forma de se relacionar com o esporte produzisse saúde, e isso não é verdade. Não é algo que estudemos, e nem pretendemos aprofundar o debate, mas o legado do esporte de alto rendimento é a dor e a convivência com os traumas causados pelo excesso de sempre levar o corpo ao limite. As lesões são, também, frequentes na periferia do futebol. Mas nem todos têm a “sorte” de ter um plano de saúde. Diariamente, o José e o Marquinhos, trabalhadores, um terceirizado de um hospital universitário e o outro, mais um desempregado, participam de nossas atividades esportivas e preparam-se para jogar com uma proteção no joelho. Ambos convivem com a dor de uma ruptura no menisco e, apesar de um deles trabalhar num hospi-

tal, não têm acesso ao tratamento necessário.⁸ Esse tipo de futebol, jogado ao extremo, interessa-nos como pesquisadores e educadores comprometidos com a realidade social brasileira e uruguaia. Pois é assim que “[...] o futebol popular é invadido pelas lógicas hegemônicas do jogo.” (Spaggiari e Ribeiro 2024: 27).

“Pesquisar o futebol popular é explorar uma miríade de práticas, modos de vida, espaços e atores sociais que extrapolam os domínios esportivos para um campo de disputas constituído por diferentes experiências estéticas e políticas. As relações entre futebol e política, há muito observadas no universo esportivo, inclusive em suas manifestações mais informais, cotidianas e populares, carregam múltiplas agências, intencionalidades e discursividades que podem (e devem) ser inquiridas com mais apuro. As redes sociopolíticas que envolvem o futebol popular, mesmo quando locais e circunscritas, podem ser tão complexas quanto as que capitalizam as dinâmicas institucionais, extensas e globais do circuito espetacularizado. As mesmas práticas que, ao se alimentarem dos saberes e de modos de fazer cotidianos, colocam grupos, bairros, cidades e a própria sociedade em movimento, podem, em suas expressões mais estruturadas, apresentar gestões político-econômicas intrincadas e, por

8 Parte destas reflexões é oriunda dos estudos e observações de campo da dissertação em andamento de Gabriel de Leão Caldart, em sua pesquisa sobre os projetos sociais de futebol realizados pelo Departamento de Esporte, Cultura e Lazer da UFSC.

vezes, excludentes. São as flutuações por entre os vários espaços e tempos do jogo vivido que permitem compreender as inúmeras transformações pelas quais vem passando o futebol popular (Spaggiari e Ribeiro 2024: 48).

Esta imbricação do jogador-pesquisador ou pesquisador-jogador, em que o corpo do pesquisador se encontra em campo ou na casa-mata (como no Rio Grande do Sul chamamos o banco de reservas), mostra-se oportuna e necessária para uma etnografia militante, que busque aproximar e promover a alteridade com reciprocidade entre universidade/acadêmica e a periferia do futebol/cultura corporal e de movimento popular.

Faz-se necessário entender a importância do futebol a partir das suas potências. O lugar do encontro, o lugar do protagonismo, o lugar da alegria, do riso, do compartilhar, o lugar da realização. “Práticas que evidenciam a importância de uma compreensão mais abrangente do futebol como fato social, um fenômeno que se desenrola para muito além do espetáculo.” (Spaggiari e Ribeiro 2024: 27). Como diria Wisnik, “uma espécie de lugar do sem lugar que é o lugar”. Nesse sentido, “[...] é o caso de reconhecer que talvez seja difícil alguma coisa “de fato importante” acontecer se não formos sequer capazes de compreender o sentido da importância que o futebol ganhou no Brasil.” (Wisnik 2008: 402-403). Ora, “dentro de alguns jogadores joga uma multidão”. E que “[...] quando os discriminados, os desprezados, os condenados ao fracasso eterno se reconhecem no êxito de heróis solitários, em seus triunfos lateja, de alguma forma, a esperança coletiva” (Galeano 2019: 220-221). Talvez,

na Inglaterra de Nick Hornby, a seguinte afirmação faça sentido “[...] O esporte não permite sonhar da mesma forma que escrever, atuar, pintar ou administrar empresas permitem: com onze anos de idade eu já sabia que jamais jogaria pelo Arsenal. É muito pouca idade pra descobrir uma coisa terrível dessas.” (Hornby 2013: 347). E é de fato terrível quando essa ficha finalmente cai, de que o sonho de se tornar jogador não irá se realizar, nem mesmo para aqueles que já estão institucionalizados. Apesar das 5.600 horas dedicadas a treinamentos (Damo 2005), 80% desses jovens não conseguirão a tão sonhada profissionalização. Mas não são poucos os jovens com quem conversamos que sonham em ser jogador de futebol profissional, que mantêm a esperança, ainda que pouco provável, de um dia chegar aonde poucos conseguem chegar, num lugar de destaque profissional em que o prestígio, o reconhecimento e o retorno financeiro sejam as garantias de uma vida boa, seu projeto de futuro. E isso realmente importa e gera movimento, faz andar, “[...] torna possível em campo aquilo que a sociedade brasileira sistematicamente não realiza (democracia racial em ato, elevação dos pobres à máxima importância, competência inequívoca no domínio de um código internacional).” (Wisnik 2008: 408).

Pensar o futebol a partir da ruptura estrutural que ele promove, das possibilidades que ele nos traz. Do diálogo, da troca, do movimento. “[...] É necessário notar como o futebol popular tem lastro em uma discussão mais ampla sobre formas de organização e de experimentação do lazer pelas classes subalternas.” (Spaggiari e Ribeiro 2024: 30). E se “o futebol profissional não tem escrúpu-

los, porque integra um sistema de poder inescrupuloso que compra eficácia a qualquer preço” (Galeano 2019: 173), jogar uma bola com os amigos é “[...] uma das mais originais propostas do nosso esboço de civilização: a respiração fora do produtivismo sem trégua, a capacidade de comunicação entre lógicas múltiplas e a leveza profunda.” (Wisnik 2008: 430). Enfim, “que a glória do Brasil seja a glória dos humildes, dos fracos e dos pobres.” (DaMatta 2006: 78).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado deste esforço simultâneo e dialético como pesquisadores/pesquisados, pudemos observar a promoção de uma diversidade de ações coletivas que dialogam com instituições profissionais e amadoras, científico-acadêmicas e comunitárias; de promoção do lazer, da saúde e do rendimento esportivo e da reflexão crítica sobre o lugar que o futebol ocupa em nossas vidas/sociedades. Tudo isso num contexto de intercâmbio futebolístico internacional e periférico, nos dois países, Brasil e Uruguai, onde procuram despertar/incentivar ações coletivas por melhores condições e acesso aos espaços de lazer, a promoção do direito à cidade, dialogando com os movimentos sociais do campo e da cidade, pensando os sujeitos que compõem estes espaços.

Ambos cultivam a paixão pelo futebol e vivem o mesmo dilema das desigualdades sociais que permanecem, resultado do frágil avanço dos processos democráticos que não se efetivam por meio de políticas públicas que permitam a igualdade de chances e oportunidades

às classes menos favorecidas. O futebol, como parte deste sistema, encontra muitas dificuldades de romper a barreira que privilegia poucos em detrimento da maioria, trabalhadora, assalariada.

O futebol brasileiro é, por sua vez, o saldo ambivalente desse déficit, seu veneno e seu remédio prodigioso. Seria mais um mecanismo de fuga entre outros se não fosse, ao mesmo tempo, o campo em que a experiência brasileira encontrou uma das vias privilegiadas para atravessar o seu avesso e tocar as fraturas traumáticas que nos constituem e permanecem em nós como um atoleiro. Ele é a confirmação do paradoxo da escravidão brasileira como um mal nunca superado e, ao mesmo tempo, como um bem valioso em nossa existência, não pela escravidão enquanto tal — o que é óbvio e gritante aos céus —, mas pela amplitude de humanidade que desvelou. Por isso mesmo, ele figura como redenção e como falha irresolvida, como o remédio irremediável em que pendulamos, na incapacidade de estender os seus dons vitoriosos e potentes às outras áreas da vida nacional — em especial à educação e à política, com implicações para todo o resto. E a mesma cegueira faz com que se queira gozar os seus efeitos como se fossem dados de presente e desde sempre e que se recuse a reconhecer o custo permanente de sua construção (Wisnik 2008: 407-408).

Assim, o futebol de alto rendimento e de espetáculo continua a perpetuar uma lógica excludente e que fomenta a lógica de que é possível pelo mérito alcançar o topo, enquanto mantém um centro

(futebolístico) altamente hierárquico e para poucos. Ao buscar construir outras relações com saberes e práticas futebolísticas, o projeto InterPeriferias não somente provoca a reflexão, mas também uma formação crítica que busque estreitar as relações entre centro e periferia do futebol, promovendo trocas simbólicas, mas também culturais e econômicas, que permitam contribuir para diminuir as desigualdades, melhorar as condições e ampliar as possibilidades de lazer e de trabalho para todos/as.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. 2016. Intencionalidade, reflexividade, experiência e identidade em pesquisa (auto)biográfica: dimensões epistemo-empíricas em narrativas de formação. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto et al. 2016. *Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Curitiba: CRV. p. 320.

AZEVEDO, Ana Luiza e Jorge Furtado (dir.). *Barbosa*. NGM Produções, 1988. Curta-metragem, 13 min.

BRINATI, Francisco Ângelo. 2016. *Maracanazo e Mineiratzen*: imprensa e representação da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014. Curitiba: Prismas.

CALDART, Gabriel de Leão. 2022. *Futebol: o substrato da bola e o submundo do jogo*. 2022. 97 f. Monografia (Especialização) – Curso de Serviço Social, Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CARVALHO, Pedro Guedes de e Rui Lourenço. 2009. Turismo de prática desportiva: um segmento do mercado do turismo desportivo. *Rev. Port. Cien. Desp.*, (9)2: 122-132 [on-line].

CORNELSEN, Elcio Loureiro, Francisco Ângelo Brinati e Gustavo Cerqueira Guimarães. (org.). 2020. *Futebol: fato social total*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.

COUTO, Euclides de Freitas. (org.). 2019. *As Copas do Mundo no Brasil: memórias, identidades e diplomacia (1950-2014)*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras.

DAMATTA, Roberto. 2006. *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre o futebol*. Rio de Janeiro: Rocco.

DAMATTA, Roberto. 1982. (org.) *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotek.

DAMO, Arlei S. 2005. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre.

FILHO, Mario. 1943. *Copa Rio Branco*, 32. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores.

FILHO, Mario Rodrigues. 2010. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad.

FREYRE, Gilberto. 2003. Prefácio. In: FILHO, Mario Rodrigues, *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad. 24-26.

GALEANO, Eduardo. 2019. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM.

GARRIDO, Atilio. 2014. *Maracanazo: a história secreta – da euforia ao silêncio de uma nação*. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados.

GUTERMAN, Marcos. 2009. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto.

HEIZER, Texeira. 2010. *Maracanazo: tragédias e epopeias de um estádio com alma*. Higienópolis: Mauad X. 24-26.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. *Alceu*, (7)4: 19-36, 2003. Disponível em: <https://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu-n7-Helal.pdf>.

HORNBY, Nick. 2013. *Febre de bola*. São Paulo: Companhia das Letras.

LAUB, Michel. 2006. *O segundo tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.

MACHADO, Diego Martín Alsina e Bruno Mora Pereyra. 2021. Ah... Tas' loco. Aproximaciones a la relación entre fútbol y murga en San Carlos – Maldonado. *Revista Educación Física y Ciencia*, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación – UNLP, (23)2, e177, abril-junio. ISSN 2314-2561. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8936848>.

MARIANO. Vinícius Neves. 2015. *Empate*. São Paulo: Simonsen.

- MATIAS, Wagner Barbosa. 2020. *Futebol de espetáculo*. Curitiba: Appris.
- MAUSS, Marcel. 1936. Les techniques du corps. *Journal de Psychologie*, (32)3-4, 15 mars-15 avril.
- MAUSS, Marcel. 1974. *Sociologia e Antropologia*. Tradução de Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: Edusp. v. II.
- MORAES NETO, Geneton. 2013. *Dossiê 50: um repórter em busca dos onze jogadores que entraram em campo para serem campeões do mundo em 1950, mas se tornaram personagens do maior drama da história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Maquinária.
- MUYLAERT, Roberto. 2018. *Barbosa: um gol silencia o Brasil*. São Paulo: Sesi.
- PASOLINI, Pier Paolo. 1999. Il calcio 'è' un linguaggio con i suoi poeti e prosatori. In: PASOLINI, Pier Paolo. *Saggi sulla letteratura e sull'arte*. Milano: Meridiani Mondadori. v. 2.
- PERDIGÃO, Paulo. 2000. *Anatomia de uma derrota: 16 de julho de 1950 – Brasil × Uruguai*. Porto Alegre: L&PM.
- PINTO, Fábio Machado. 2004. Relatório de Pesquisa de Pós-Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas do CH/UFSC.
- PINTO, Fábio Machado, Ricardo Lara e Jaison José Bassani. 2019. Interperiferias do futebol: intercâmbio esportivo e cultural entre Brasil (Florianópolis) e Uruguai (Montevidéu). *Rev. Tempos Espaços Educ.*, (12)31: 49-66, São Cristóvão, Sergipe, out./dez. <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/12079>.

PINTO, Fábio Machado, Ana Claudia Wendt Dos Santos e Justina Inês Sponchiado. 2020. O biográfico em Sartre: noções e questões de método. *Cadernos de estudos culturais*, (1): 75-93. Campo Grande, MS. <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/13020>.

PINTO, Fábio Machado, Lara Beatriz Uck e Justina Inês Sponchiado. 2022. Pesquisa (auto)biográfica e o método progressivo-regressivo na história e sociologia da educação. In: PRETO, Zuleica et all (org.). *Existencialismo e Ciência: princípios metodológicos na Pesquisa*. Curitiba: Arco Editores.

PINTO, Fábio Machado, Ricardo Lara e Alexandre Fernandez Vaz (org.). 2024. *Interperiferias do futebol* [livro eletrônico]: o que o futebol nos ensina sobre o viver na sociedade contemporânea? Pelotas, RS: Editora Ateliê da Casa. ISBN 978-65-990871-3-4. <https://www.ateliedacasa.com/interperiferias>.

PINTO, Fábio Machado, Líber Benítez e Rodrigo Píriz. 2024. Deporte, cultura y formación: Interperiferias del fútbol”. In: “STAPS” *Revue Internationale des Sciences du Sport et de l'Éducation Physique*. Edición Educación Física, prácticas corporales y experiencias decoloniales, HS, 2024. ISSN: 0247-106X, ISSN en ligne: 1782-1568. <https://shs.cairn.info/revista-staps-2024-HS1-page-11?lang=es>.

RASERA, Frédéric. 2016. *Des footballeurs au travail: Au cœur d'un club professionnel*. Marseille: Éditions Agone. 312 p.

RIBEIRO, Raphael Rajão, Enrico Spaggiari e Caroline Soares de Almeida (org.). 2024. *Futebol popular*. São Paulo: Ludopédio. 177-215.

UOL. Pesquisa: vôlei e F1 são esportes mais acompanhados no Brasil após futebol. May, 14, 2024. <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2024/05/14/pesquisa-volei-e-f1-sao-esportes-mais-acompanhados-no-brasil-apos-futebol.htm?cmpid=copiaecola>.

VAZ, Alexandre Fernandez. 2021. Futebol brasileiro: deleite estético e paixão intelectual. *Cuadernos del Claeh*. Segunda série, año 40, 114: 117-134.

VELHO, Gilberto. 2002. *Subjetividade e sociedade*: uma experiência de geração. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar.

VELHO, Gilberto. 2003. *Projeto e metamorfose*: antropologia das sociedades complexas. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar.

VELHO, Gilberto. 2004. *Individualismo e cultura*: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar.

WACQUANT, Loïc. 2000. Putas, escravos e garanhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais. In: *Revista Mana* 6(2): 127-146.

WISNIK, José Miguel. 2008. *Veneno remédio*: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.